

Basta de ataques ao sector aéreo! É urgente a união e luta dos trabalhadores contra esta ofensiva!

O sector aéreo, num contexto de quebra de actividade, foi um dos mais afectados pela questão epidémica. Verificou-se, olhando para muitas empresas do sector, que foram sobretudo os trabalhadores a pagar a dita “crise”, com consequências brutais para as suas vidas! Numa situação que é claramente contextual e quando já se vêm significativos sinais de retoma. A necessidade dos trabalhadores se unirem, organizarem e lutarem contra esta ofensiva é imperativa! Estes são só alguns exemplos do que se passa em empresas do sector, e que o PCP repudia:

TAP

Esta empresa, que é estratégica para o País do ponto de vista económico e social, está a braços com uma reestruturação imposta pela União Europeia, a ser concretizada pela Administração e Governo, que implica uma diminuição da TAP em toda a sua dimensão, nomeadamente no número de trabalhadores. Num contexto de pressão e chantagem que se foi adensando: não só para que se concretizassem “Acordos de Emergência”, que legitimam cortes salariais e retirada de direitos, mas também com a brutal saída de trabalhadores, até hoje mais de 2000. Primeiro com períodos das ditas “medidas voluntárias”, mas que evoluiu para a chamada de trabalhadores específicos para lhes colocar as ditas opções, e que coloca agora em cima da mesa de forma clara o despedimento colectivo para “quem ainda está em excesso”.

SPdH

Esta empresa de assistência em escala, com um papel central para a TAP, encontra-se com o seu futuro indefinido, e conseqüentemente a vida dos trabalhadores, que continuam a sofrer de salários e subsídios em atraso. O Governo, perante um impasse, não assume aquilo que deveria ser feito: trabalhar para a nacionalização da empresa, pelo seu papel estratégico e tendo em conta os devaneios dos privados. Em vez disso, assume pedir a declaração de insolvência, mantendo assim a situação de indefinição da empresa e dos seus trabalhadores. Escuda-se com “a impossibilidade” da nacionalização tendo em conta a directiva europeia e o seu reflexo legal, preferindo mais uma vez esmagar o direito à soberania e ao interesse público, não assumir a opção que na verdade não quer.

Portway

A outra empresa de assistência em escala que opera no Aeroporto de Lisboa, depois de se “livrar” dos contratados, encontra-se agora num processo de querer negociar um “Acordo de

Sector dos Transportes da Organização Regional de Lisboa

Junho 2021 . sector.transportes@dorl.pcp.pt



Emergência”, em que já demonstrou que a sua proposta é basicamente arrasar com os direitos dos trabalhadores, desde o congelamento de carreiras e salários, como cortes no subsídio de turno, alimentação, etc. Já são cerca de menos 1000 trabalhadores desde o início da pandemia, e ao mesmo tempo que paira no ar a ameaça de despedimento colectivo, a empresa contrata em alguns locais trabalhadores por empresas de outsourcing, e até há exemplos de falta de trabalhadores. Lembramos que a Portway é detida pela multinacional Vinci, detentora de milhões de euros de lucros nestes últimos anos!

APA

Os assistentes de portos e aeroportos, trabalhadores de empresas de segurança privada, viram também os seus direitos ainda mais atacados, para além da precariedade de que já eram alvo. A Securitas despediu trabalhadores neste processo e a ICTS mantém vários trabalhadores em lay-off, sem saberem como será o seu futuro, e depois de largos meses de cortes nos rendimentos, que só não se prolongou no corte de salário pela proposta do PCP que permitiu que quem estivesse em lay off este ano recebesse a 100%.

ANA

A gestora de aeroportos, detida pela multinacional Vinci, e que tem dado muitos milhões de euros de lucro, apresentou a denúncia do acordo de empresa dos trabalhadores, com uma proposta que legitima o banco de horas e desregulação de horários. Aproveitar para tentar destruir direitos!

Outras companhias

São vários os exemplos de ataque aos trabalhadores noutras companhias aéreas neste contexto. Como é exemplo a Ryanair, já conhecida por constantes ataques aos trabalhadores e não cumprimento da lei portuguesa, e que neste contexto tentou realizar despedimentos colectivos de tripulantes de cabine no Porto e em Lisboa, que não conseguiu levar avante, tendo que assumir que era ilegal. Ou o exemplo da White, com sucessivos atrasos no pagamento dos salários aos trabalhadores, e agora com o não pagamento de ajudas de custo ou do estacionamento e o congelamento da progressão nas carreiras.

O Governo não responde e assume o ataque, nomeadamente nas empresas nas quais tem responsabilidade directa, e as empresas ou grupos privados aproveitam-se da situação de pandemia para proteger ao máximo os seus lucros!

Basta de ataques aos trabalhadores! Os trabalhadores não são descartáveis e são peça fundamental na retoma das empresas.

Neste contexto complexo, sem dúvida a luta é o caminho! Quem luta nem sempre ganha, mas quem não luta perde sempre!